

Momento de inflexão

MARCELO TOKARSKI

DA EQUIPE DO CORREIO

Após um início de ano animador, quando cresceu robustos 11,1% no primeiro bimestre, a indústria brasileira começa a perder vigor, atingida em cheio pela alta da inflação. O faturamento real do setor está praticamente estável desde fevereiro. De acordo com pesquisa divulgada ontem pela Confederação Nacional da Indústria (CNI), as vendas cresceram 1,1% em maio, na comparação com abril. No entanto, a alta não serviu para recompor as quedas ocorridas em março (-1,4%) e abril (-0,1%). O patamar atual ainda é 0,3% inferior ao de fevereiro.

No acumulado dos cinco primeiros meses de 2008, a taxa de expansão já recuou para 7,9%. Embora 17 dos 19 setores pesquisados estejam em crescimento, metade desse desempenho é de responsabilidade de apenas dois segmentos: veículos automotores (alta de 23,8% até maio) e outros equipamentos de transporte (21,6%) — inclui motos, barcos e aviões. “Os dados mostram um

arrefecimento do crescimento industrial. Não diria que reverteu o processo, mas há vários sinais de quedas, após um período de crescimentos bastante forte”, afirma o economista Renato da Fonseca, gerente de pesquisa, avaliação e desenvolvimento da CNI. O setor puxou o crescimento do Produto Interno Bruto do país nos últimos dois anos.

Segundo os números da confederação, as horas trabalhadas na produção somam até maio alta de 5,8%, o menor crescimento acumulado desde o início do ano — até abril, o indicador era de 6,6%. O mesmo ocorreu com o nível de emprego, que saiu de uma expansão de 4,7% até abril para 4,5% em maio (também o menor do ano). Igual tendência foi verificada na massa salarial real, que recuou de 6% acumulados até abril para 5,6% até maio.

“Os resultados mostram uma situação nova. Estamos em um momento de inflexão, em ritmo menor de crescimento. A atividade continua alta, mas desacelerando bastante”, afirma o economista Paulo Mol, da CNI. Segundo ele, o principal motivo para a

mudança de cenário é a inflação, que reduz o poder de compra das famílias e ajuda a esfriar a demanda. “A aceleração inflacionária atinge a renda daquela população que tem o menor poder de compra, que é justamente a população que teve o maior dinamismo no consumo ao longo do ano passado”, explica o economista.

Além da inflação, o fator câmbio também compromete o desempenho da indústria, ao reduzir o faturamento das exportações, que respondem por um quarto das vendas do setor. Em maio, a cotação média do dólar foi de R\$ 1,66, a mais baixa da década. “Os dados ainda continuam positivos, mas o segundo trimestre do ano aponta para um cenário de desaquecimento. A tendência é que o percentual de 7,9% acumulado no ano (até maio) passe a diminuir daqui para frente”, aposta Paulo Mol. Em 2007, a indústria fechou o ano com uma expansão de 5,4%.

Capacidade

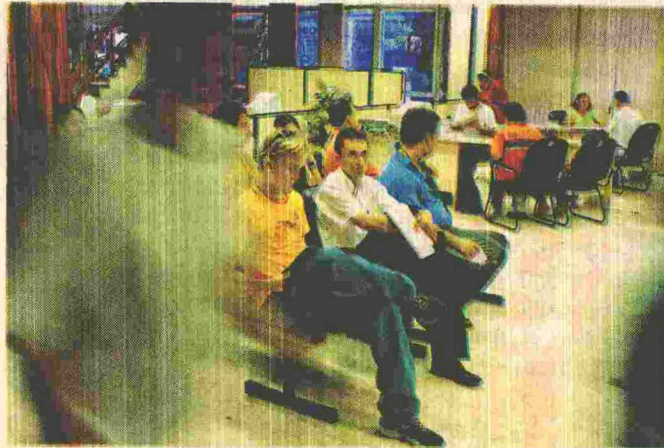
Paulo Mol reforça que outro fator novo é a estabilidade do nível de utilização da capacidade instalada (UCI) da indústria, que em

maio recuou 0,1 ponto e ficou em 82,9%. Desde setembro do ano passado, período em que o faturamento do setor cresceu 5,3%, a UCI se manteve praticamente no mesmo patamar. Para a CNI, prova de que novos investimentos ampliaram a capacidade de produção. “A estabilidade da UCI ocorre simultaneamente à elevação de 2,7% nas horas trabalhadas e de 3,8% no emprego. São indícios claros de que o parque produtivo aumentou”, afirma Mol.

Na avaliação do Instituto de Estudos para o Desenvolvimento Industrial (Iedi), “há uma nítida tendência de desaceleração da atividade da indústria, assim como há uma flagrante paralisação do aumento do grau de utilização da capacidade produtiva no setor”. Para os economistas do instituto, “o primeiro ponto informa que não ocorreu a explosão do crescimento econômico que muitos temiam na entrada de 2008; o segundo não confirma o descompasso entre os ritmos de crescimento de oferta e demanda, tão insistentemente apontado por tantos analistas como indicador do perigo iminente de inflação de demanda”.

JUNTA COMERCIAL DEVE MELHORAR

Carlos Vieira/CB/D.A Press - 20/2/06



O governo do Distrito Federal assinou ontem um convênio com o Ministério do Desenvolvimento para a integração dos sistemas de órgãos locais e federais para facilitar o trâmite de processos na Junta Comercial do DF. A ideia é que um empreendedor interessado em abrir uma empresa possa resolver tudo num único local — a própria Junta Comercial — além de mirar na redução do tempo necessário para esse trâmite. Calcula-se que o processo leve cerca de 27 dias, o que deixa a capital em 19º lugar em velocidade entre as 27 unidades da federação. O objetivo é reduzir esse tempo para oito dias. A expectativa é que a integração esteja pronta em 90 dias. (Da Redação)